

Canções de Sant'Anna Gomes

Lenita W. M. Nogueira

Em 1992, nosso *Projeto Memória Musical Campineira: Sant'Anna Gomes* recebeu o Prêmio Estímulo da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas para montagem de Espetáculo Musical. Esse trabalho visava a restauração, recuperação e apresentação em concerto das composições camerísticas de José Pedro de Sant'Anna Gomes a partir de seus manuscritos musicais, que estão sob a guarda do Museu Carlos Gomes em Campinas, Estado de São Paulo. Após sua realização, ficou confirmada nossa impressão inicial de que se tratava de um compositor de talento, cujos méritos não se restringiam ao fato de ser o único irmão germano de Carlos Gomes.

Nascido dois anos antes que este, em 1834, Sant'Anna foi o continuador da tradição musical iniciada por seu pai, Manuel José Gomes¹, mestre-de-capela em Campinas por mais de cinquenta anos e professor de música de seus filhos. Como o pai, também teve uma longa atividade musical, seja como compositor, regente, instrumentista, professor ou copista, falecendo em 1908.

Naquela oportunidade foram restauradas e transcritas dezoito obras deste compositor, que resultaram em um livro de 231 páginas, sendo que a maioria é escrita para quinteto de cordas. Entre estas, gostaríamos de destacar *Saudade!* de 1882, dedicada a Carlos Gomes, uma peça que mereceria fazer parte do repertório de grupos de câmara. Trata-se de uma obra plena de sensibilidade e de uma escrita musical refinada, onde o violoncelo tem o papel preponderante. Esta obra foi gravada há alguns anos tendo Iberê Go-

mes Grosso, neto de Sant'Anna Gomes, ao violoncelo. Além dos quintetos, há um sexteto para cordas e flauta, um para quarteto de cordas escrito dentro da forma tradicional em quatro movimentos, um quarteto para flauta, violino, violoncelo e piano, além de obras vocais sacras e profanas.

No que se refere a essas últimas, além das canções apresentadas neste trabalho, Sant'Anna compôs duas óperas a partir de libretos de Emilio Ducatti que lhe foram enviados por Carlos Gomes. *Alda* e *Semira* têm, além das grandes dimensões e orquestração, argumentos exóticos e dramáticos, de acordo com as tradições operísticas do século XIX.

No que se refere ao canto de câmara, foram restauradas as quatro obras que analisaremos a seguir: *Cantiga Húngara*, *Sonho*, *Suspiros* e *O Filho da Lavandeira*.

Cantiga Húngara é, na verdade, mais uma brincadeira musical escrita com bom humor para tenor e piano, na tonalidade de Fá maior e compassos $3/4$. A data exata desta composição não foi possível definir, mas possivelmente deve ter sido escrita na juventude de Sant'Anna, uma vez que a caligrafia irregular desta obra, fato bastante incomum neste compositor, e a qualidade do papel são bastante diferentes das obras da maturidade. O texto é de Antônio Feijó e diz o seguinte:

*Das minhas trinta e três amantes
Apenas três não me traíram.
Mas dessas três sempre constantes
Duas por fim também partiram.
D'amor eterno alto modelo,
foi uma só das trinta e três.
Mas essa em paga do seu zelo
sou eu que engano muita vez.*

Já *Sonhos* é uma canção romântica, dentro dos padrões do século XIX, e existem duas versões, uma com acompanhamento de quinteto de cordas e outra para canto e piano. Esta última foi

publicada pela casa *Buschmann & Guimarães* do Rio de Janeiro na Coleção *Flores do Brasil*². Embora também não conste a data, essa edição é provavelmente do fim do século passado, mas pode-se afirmar com certeza que foi editada antes da morte do compositor em 1908, uma vez que na capa da edição que consultamos existe uma anotação de seu próprio punho onde escreveu “Correcto”. Esta expressão, na verdade, não quer dizer que a edição esteja correta, mas, ao contrário, que havia erros e que Sant’Anna os havia corrigido à mão.

O texto é de Carlos Engler e a tonalidade de Ré bemol maior, em ritmo ternário, andante, dá um toque mais sonhador e romântico. Após a apresentação do tema pelo piano, onde é sugerido o clima da obra, começa a parte vocal, cuja voz não é especificada, mas tem em geral uma tessitura mediana. O texto diz o seguinte:

*Noite era serena e calma,
Quando no leito escutava,
A doce voz de um arcanjo,
Que bem junto a mim cantava.*

*Ardente foi meu desejo
Por esse anjo que eu só vi;
Como triste não seria,
Meu penar e meu sofrer.*

*Uma voz de quando em quando
Brandamente murmurava,
E suspirando dizia:
Só por ti anjo senti.*

*Dizer quero o meu segredo
que num peito oculto vive;
É destino, é minha sorte,
Hei de amar-te além da morte.*

*Quero fugir mas não posso,
Oh! que pesar, que tormento,
Vou dizer neste momento,
O qu'esta alma por ti sente.*

*Vou seguir meu destino,
Vou tua imagem esquecer;
Como é triste o meu sofrer,
Hei-de amar-te até morrer.*

*Foi num sonho qu'eu senti,
Foi num anjo qu'eu só vi;
Como é belo e ideal,
És um anjo sem rival.*

*Dizer quero o meu segredo,
Que num peito oculto vive;
É destino, é minha sorte,
Hei-de amar-te além da morte.*

A canção não sofre nenhuma modulação no seu decorrer, mas no verso *Dizer quero o meu segredo* há uma mudança de compasso, que passa de $3/4$ para $2/4$, sendo que a obra termina dessa maneira. Trata-se de melodia acompanhada e o piano se limita a arpejos, embora em determinados momentos realize alguns floreios, porém, sem muita autonomia. Quanto à melodia, é bastante inspirada, sendo que a sua extensão vai de $Dó_3$ a Sol_4 , salientando que esses extremos só aparecem raramente.

Suspiros - Tema com variações foi dedicada à “Exma. D. Ida Stott”, uma cantora amadora que vivia em Campinas no século passado. Trata-se de um tema com três variações para soprano e coloratura. Tem todas as características de uma peça operística, com grandes dificuldades para sua interpretação como constantes saltos em regiões agudas, ornamentos e melismas. Como *Sonhos*, o tema é apresentado em Ré bemol maior, porém,

em compasso $2/4$, que não se altera até o fim da obra, onde encontramos uma cadência *ad libitum* no mais puro estilo italiano. O texto é de Casimiro de Abreu:

*À minha terra formosa
Qu'eu amo do coração!
Quero enviar uns suspiros
Nas asas da viração*

*TEMA
Ré bemol maior;
2/4, Andantino*

*Corre brisa pressurosa
Sobre esses planos de anil;
Vai brincar pelas campinas,
Pelos vergéis do Brasil.*

*Lá verás um céu mais lindo,
Como tão lindo não há;
Lá ouvirás os gorgeios,
Os cantos do sabiá.*

*Lá verás belas palmeiras,
Lindas flores com perfumes,
O regato que murmura,
A fonte que diz queixumes.*

*1ª variação
Ré bemol maior
2/4, Cantabile*

*Lá verás a minha bela
sentada no seu jardim,
Na mão encostada a face,
Saudosa pensando em mim.*

*2ª variação
Idem*

*Ó brisa linda e travessa,
No teu mais doce bafejo,
Em seus lábios cor de rosa,
Bem de manso dá-lhe um beijo.*

*Se uma lágrima furtiva
Nos olhos lhe balouçar,
Traz-me esse pranto d'amor,
Que quem chora sabe amar.*

*3ª variação
Dó menor
2/4, Più lento*

Ao
meo amigo
D.^o F.^o QUIRINO DOS SANTOS



*Diz-lhe que o amante fiél
Só por ela suspirava;
E que nas brisas da tarde
Suspiros enviava*

*Diz-lhe que o triste poeta
Cantava cantos de dor* Cadência *ad libitum*
Que sua lira gemendo dizia Coda
Brasil é amor. Ré bemol maior

Após a apresentação do tema, o piano, embora freqüentemente trabalhe em arpejos, em determinados momentos se sobressai através da utilização de tercinas e constante utilização de fusas. No decorrer da peça aparecem várias notas alteradas e diversas indicações de andamento e interpretação. Como assinalado na poesia acima, há uma modulação de Ré bemol maior para dó sustenido menor, cuja introdução se dá pela enarmonização da nota Lá bemol (dominante de Ré bemol) que se transforma em Sol sustenido (dominante de Dó[#]). Ao final, aparece a cadência *ad libitum* no mais puro estilo operístico italiano, onde a solista pode demonstrar toda a sua técnica. A peça conclui com uma pequena coda, tendo já retornado à tonalidade de Ré bemol maior. Quanto à tessitura vocal, é bastante extensa, tendo como notas-limite Dó³ ao Ré⁵. Esta obra também está disponível para canto e quinteto de cordas, sendo que é esta versão que consta no livro do *Projeto Memória Musical Campineira: Sant'Anna Gomes*. Mas a partitura para canto e piano escrita por Sant'Anna, cuja amostragem apresentamos aqui, é tão bem escrita que a falta de uma transcrição moderna não é empecilho para sua execução.

Existe ainda uma outra canção de Sant'Anna, *O Filho da Lavandeira*, também editada em uma versão para piano pela *Imperial Lithographia de Jules Martin* de São Paulo, sem data. No final dessa edição é apresentado o texto completo escrito pelo Dr. F. Quirino dos Santos (1841-1886), um dos líderes republicanos históricos e que chegou a exercer o cargo de deputado provincial,

além de ter sido poeta, jornalista. Foi fundador da *Gazeta de Campinas* em 1869, e dá seu nome a uma das mais importantes ruas de Campinas, a Dr. Quirino. Denominada pelo próprio compositor de recitativo, a obra é escrita em uma tessitura mais grave, sobre poema de cunho abolicionista:

*Um dia nas margens do claro Atibaia
Estava a cativa sozinha a lavar;
E um triste filhinho, do rio na praia,
Jazia estendido no chão a rolar.
A pobre criança que o vento açoitava
De frio e de fome chorava*

*A misera negra com o rosto banhado
No pranto que d'alma trazia-lhe a dor,
Prendeu-a com força no seio abrasado
De mágoas, de angústia, de susto e de amor.
Pendendo a cabeça no colo da escrava
A pobre criança chorava e chorava.*

*Meu filho querido, no meio dos mares,
Lá onde governa somente o meu Deus,
Lá onde se estendem mais lindos palmares
Por que não nasceste cercado dos meus?
E a pobre criança no seio da escrava,
Fitando-a trstinha, chorava e chorava.*

*Meus pais lá ficaram: são livres, cantando
Que vida contente que passam por lá!
E tu, meu filhinho, comigo pensando,
Esperas a morte nas terras de cá.
Os ventos cresciam, o sol declinava,
E a pobre criança chorava e chorava.*

*Ai não! que dos pretos as almas não morrem,
Havemos de ainda p'ra os nossos voltar.
As águas tão mansas dos rios que correm,*

*Nos levam bem vivos ao largo do mar.
Nas águas já meio seu corpo nadava,
E a pobre criança chorava e chorava.*

*As aves, os bosques, as serras que vemos,
Não são como aqueles onde eu nasci!
Tão doces fulgores risonhos quais temos,
Tão belos, tão puros não há por aqui.
Os fundos gemidos o eco levava
E a pobre criança chorava e chorava.*

*Oh! Vamos, meu filho, ao solo jucundo
Aonde a existência nos corre gentil;
Enquanto cativos houver neste mundo
Os negros não devem viver no Brasil!...
A casa era perto, chamavam a escrava;
E a pobre criança chorava e chorava.*

*Assim soluçou e no seio estreitando
O caro filhinho, nas águas caiu;
Depois, muito tempo de leve boiando
Sumiram-se os corpos nas voltas do rio.
Debalde procuram, procuram a escrava.
Se a pobre criança nem mais lá chorava!*

O conteúdo do texto ajuda-nos a definir a possível data dessa obra, em torno da década de 1880 (o Dr. Quirino faleceu em 1886), um momento em que as campanhas abolicionistas estavam bastante ativas e Sant'Anna certamente apoiava esta causa. Neste sentido, é importante lembrar a ascendência negra da família Gomes, uma vez que Manoel José Gomes, pai de Sant'Anna e Carlos Gomes, era mulato e filho de uma ex-escrava agregada em uma fazenda de Santana do Parnaíba, cidade próxima a São Paulo³. Porém, a mãe de ambos era descendente de índios e talvez graças a essa miscigenação Carlos Gomes era admirado por sua aparência exótica na Europa.

O Filho da Lavadeira é uma canção inspirada, porém, sua escrita é simples e se utiliza da mesma melodia para todos os oito versos que a compõem. A peça inicia-se em Dó maior, mas logo se encaminha para lá menor, modulando para Lá maior para concluir em lá menor. O compasso é de $\frac{6}{8}$ e a peça tem apenas quarenta e oito compassos. Na verdade, não dispomos propriamente de uma partitura dessa obra para canto, uma vez que apenas está indicada a letra na partitura impressa para piano, sem a qual não teríamos como conhecer esse texto. Também existe uma versão para quinteto de cordas, onde o primeiro violino executa integralmente a melodia, acompanhado pelos demais instrumentos.

As quatro canções comentadas aqui são, sem dúvida, uma boa amostra da obra deste compositor, cujas obras são em geral muito bem escritas e estruturadas. No que se refere à escrita vocal, não podemos esquecer que Sant'Anna (como Carlos Gomes) cresceu e aprendeu música dentro da igreja, onde auxiliava o pai nas funções de mestre-de-capela. Devido à forte tradição vocal da música religiosa, desde menino o contato diário com a música cantada nas cerimônias religiosas lhe permitiu, quando adulto, a produção de uma excelente obra vocal. Além das já citadas óperas *Alda* e *Semira*, escreveu uma série de canções de caráter religioso, ainda inexploradas. Uma pequena amostra desse trabalho é *Tristis est anima mea* para soprano, flauta e quinteto de cordas, onde o compositor consegue o clima denso que o texto sugere através de um excelente uso da voz mezzo-soprano e dos instrumentos. Também é relevante a obra *Ave Maria Stela*, que foi encomendada para a inauguração da Catedral de Campinas em 1883, depois de mais de setenta anos de construção. Escrita para mezzo-soprano, viola d'amore e orquestra, teve como solista a cantora Maria Monteiro que, logo após esta solenidade, viajou para a Itália a fim de se aperfeiçoar em canto. Nessa ocasião, a parte de viola d'amore deve ter sido executada pelo próprio compositor, uma vez que há vários registros de sua atuação como violinista e violista.

O trabalho que temos realizado com a obra desse compositor confirma a opinião de algumas pessoas de que se Sant'Anna não

tivesse se recolhido a uma modesta vida de músico provinciano, poderia perfeitamente figurar hoje como um dos músicos brasileiros mais importantes do século XIX. De alguma forma, ainda em vida, teve seu talento reconhecido, uma vez que, no ano de 1903, foi apresentada em Campinas a peça teatral *Pastoral*, escrita por Coelho Neto, então professor no Colégio Culto à Ciência desta cidade. Nessa oportunidade, Sant'Anna esteve rodeado de alguns dos mais renomados compositores brasileiros de sua época, já que escreveu o prelúdio de uma obra que teve como co-autores nada menos que Francisco Braga, Henrique Oswald e Alberto Nepomuceno.

Apesar de não freqüentar os livros de história da música brasileira como compositor, seu nome é sempre citado como o irmão dedicado de Carlos Gomes que, sem sua ajuda tanto moral como financeira⁴, possivelmente não teria sido o músico que foi. Ao contrário deste, Sant'Anna era um homem disciplinado em seu trabalho e manteve uma produção constante durante toda a sua vida. Embora tenha conseguido algum dinheiro com uma companhia de zarzuelas, ao falecer deixou a família em dificuldades financeiras; mas alguns de seus descendentes marcariam a música brasileira como intérpretes, como seus filhos Alfredo Gomes, que foi professor de violoncelo no Conservatório Brasileiro de Música, e Alzira Gomes Grosso, pianista, além de seus netos Iberê Gomes Grosso, violoncelista, Ilara Gomes Grosso, pianista, e Alda Gomes Borghert, violinista do famoso Quarteto Borghert.*

A obra musical de Sant'Anna Gomes comprova a existência de compositores talentosos e competentes que, por não pertencerem às elites da corte, tiveram suas obras relegadas ao esquecimento. Apesar disso, tiveram uma grande importância na construção da identidade sócio-cultural de um país em formação, mas que nunca se preocupou com a preservação de sua arte. Assim, muita música de qualidade, escrita sobre frágeis suportes de papel, encontrou seu destino em latas de lixo e balcões de açougue. Felizmente, a obra de Sant'Anna Gomes foi uma exceção à regra. É necessário que se troquem os arquivos que apenas a preservam

materialmente, pelas estantes de música que as preservariam também para a história.

NOTAS

1. Neste ano de 1995 recebemos a Bolsa Vitae de Artes para a elaboração de um Catálogo Temático da Coleção Manuel José Gomes de manuscritos musicais do Museu Carlos Gomes, assim denominada porque a maioria das obras deste acervo são ou composições ou cópias desse músico. Nesse catálogo, que deverá estar concluído em fevereiro de 1996, estarão incluídas as obras lá existentes de Sant'Anna e Carlos Gomes.
2. Curiosamente, no frontispício da partitura, onde há uma lista das obras editadas por aquele estabelecimento, não consta essa obra, mas sim outra da qual não temos qualquer registro e que se chama *Sorriso de amor*.
3. Alguns biógrafos de Carlos Gomes refutam esta evidência, com base nas declarações de sua filha, Ítala Gomes Vaz de Carvalho, segundo a qual seu bisavô era um *nobre espanhol de Pamplona*. Uma série de documentos localizados por Régis Duprat e pela autora não deixam margens para dúvidas: Manoel José Gomes era pardo e filho de uma ex-escrava. Ignorar esse fato é negar a enorme influência do mulato na música brasileira.
4. Carlos Gomes vivia sempre em dificuldades financeiras na Itália e Sant'Anna não exitava em lhe mandar alguns contos de réis sempre que necessário...

Lenita W. M. Nogueira é do Centro de Documentação de Música Contemporânea CDMC-Brasil UNICAMP.